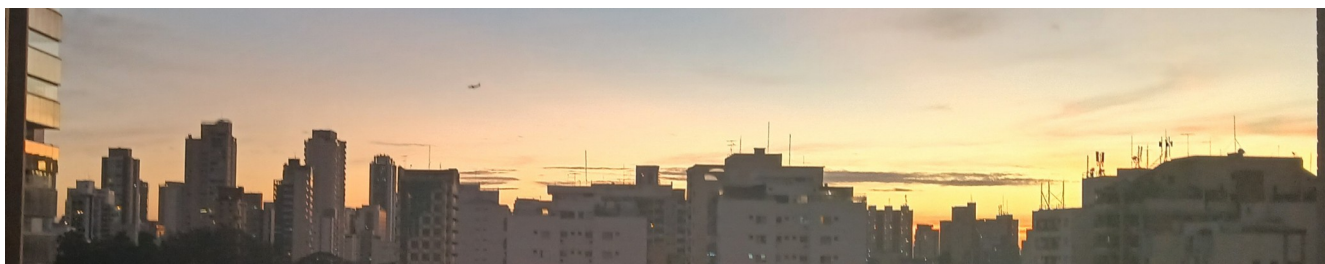


CyberTwilight Honey

um conto horripilante



Gustavo L Conte

2025

*Nem todo reencontro deve acontecer por direto acesso.
Alguns só acontecem quando o mundo é redesenhado com cuidado
suficiente.*

Índice

1. Açúcar Não É Doce.....	4
Interlúdio.....	6
Protocolo/Anotações de um Ex-Mestre do Oculto.....	8
2. Relato de Apagão - - Observação de um Desvio.....	10
3. Sobre Observar Sem Atravessar.....	14
4. Incidente de Ressonância.....	16
5. O Cotidiano Perde a Camuflagem.....	18
6. Aviso - - A Única Regra.....	20
7. Reconhecimento - - Quando Alguém Percebe.....	22
8. A Decisão de Não Atravessar.....	25

No Mercado Livre, consegui uma façanha tremenda. 65% de desconto num Ray-Ban, hexagonal. E olha que já era dos modelos mais baratinhos. Então paguei o que na época para mim foi pouco: \$100 reais.

Supimpa. Estarei vestindo durante toda a forja deste conto. Este conto que é um conto, mas não um conto de horror, apenas horripilante.

Porque este conto é forjado. Como metais são forjados para fazer armas, ferramentas. Mas este conto não serve para nada. Este conto não serve a ninguém. Eis porque cordel, porque poesia. Pois a poesia não tem Senhor. Ela não requer um juramento hipocrático, pois sua mentira é justa, é didática. Trincheiras, cheias de fingidores bastardos! Eis a única guerra que quero, meu caro. Mas aí me engano, ou finjo estar errado. É que guerra não é guerra, é luta. Neste e em todos os outros casos.

Legal, então este conto não é nem arma, nem ferramenta, não tem utilidade, seria ornamental? De forma alguma. Este conto é feio, e toda sua beleza emana de uma falta de gosto. As partes que tem gosto, são muito fortes, hora apimentadas, com certeza melosas. Como disse, ele advem de poesia, portanto ele finge, ele ilude, ele faz-de-conta, ele pressupõe e te faz supor, ele é errado, ele provavelmente está errado, como se o contrário do reverso pudesse até mesmo ser o certo.

Ele é cyberpunk porque é embebido em ficção científica fajuta, em tecnocultismo barato, em anarco-espiritualidade sem nexos.

E é nas partes que a respiração suspirar um breve instante, que verá o gosto que este conto tem. Não é na massa nem no molho. Mas é da borda do prato pro centro.

Enfim, ele nasceu como um tijolo,

..beleza, vamos lá então, vamos lá. . .

1. Açúcar Não É Doce

A glicose não tem poesia nenhuma. É direta. É rude. É operária. A glicose entra no corpo como quem não pede licença: bate, atravessa a porta, vira gesto. Não quer ser lembrada. Quer apenas acontecer. É o combustível mínimo da vida - - não do amor, não do sonho, mas da continuação. Glicose é o que impede o apagão. É o fio elétrico nu que mantém a lâmpada acesa, mesmo quando ninguém está olhando.

Frutose, não.

Frutose é dissimulada.

Ela vem das frutas, mas não carrega inocência. A frutose seduz. Ela passa pelo fígado como quem deixa perfume no ar e some antes da explicação. É doce demais para ser confiável. É promessa que não sustenta músculo, apenas memória gustativa. A frutose não alimenta a força - - ela alimenta a lembrança do prazer.

Já a sacarose...

Ah, a sacarose é casamento arranjado. Metade glicose, metade frutose, unidas por convenção química e cultural. Açúcar de mesa. Açúcar branco. Açúcar limpo demais para ser honesto. A sacarose é o acordo social do doce: funciona, mas não conta a verdade inteira. É o açúcar que se esconde atrás da aparência. Dissolve rápido, some rápido, cobra depois.

Mas o mel...

O mel não se dissolve.

O mel demora.

O mel é o açúcar que já passou pelo corpo de outro ser vivo e voltou diferente. Não é planta. Não é animal. É tradução. É alquimia. A abelha pega o que a flor oferece e devolve algo que nenhuma flor conseguiria produzir sozinha. O mel é fruto de um pacto silencioso entre espécies que nunca assinaram contrato.

E não se engane: o mel não é só doce. Ele arde. Ele conserva. Ele cicatriza.

O mel carrega glicose e frutose, sim - - mas carrega também tempo. Carrega o trajeto. Carrega o trabalho invisível. Cada gota contém quilômetros de voo, decisões minúsculas, mapas que não existem em papel. O mel é açúcar que sabe de onde veio.

E é por isso que as abelhas não produzem apenas mel. Elas produzem continuidade.

Sem abelhas, o sistema que chamamos de Gaia - - esse organismo grande demais para caber numa palavra - - entra em colapso silencioso. Não explode. Não sangra. Apenas deixa de frutificar. As abelhas não são heroínas épicas; são funcionárias do invisível. Polinizam o mundo enquanto ninguém aplaude. Sustentam florestas, alimentos, ciclos, futuros possíveis. Mais importantes que SysAdmins!

A abelha não faz barulho de motor.
Mas sem ela, o motor da vida falha.

E talvez seja por isso que o mel atravessa mitologias, remédios antigos, rituais, túmulos. Porque o mel não apodrece. Ele resiste ao tempo como algumas memórias resistem à dor. O mel permanece quando quase tudo apaga.

Este capítulo parece falar de açúcar.
Mas não fala.

Fala de transformação.
De algo que entra cru e sai significado.

De algo que passa por um corpo - - e nunca mais é o mesmo.

Mais adiante, você vai entender por que isso importa. Por que o doce que sustenta também fere. Por que nem todo combustível é pressa. E por que, às vezes, sobreviver exige passar pelo sonho de outro ser.

Por ora, fique com isso:

nem todo açúcar é doce,
nem toda doçura alimenta,
e só o mel conhece o caminho de volta.

Interlúdio

Há uma mentira confortável no mundo desperto: a de que ele é contínuo.

Acordamos, atravessamos o dia, dormimos - - e chamamos isso de linha do tempo. Mas a consciência não anda em linha. Ela pulsa. Ela cai. Ela some. E, quando some, não vai para lugar nenhum conhecido.

O apagão não é ausência.
É travessia.

Os antigos sabiam. Sempre souberam. Por isso escreveram em frases curtas, como quem deixa instruções para quem não estará inteiro ao ler. O que está em cima é como o que está embaixo. Não como metáfora poética - - mas como engenharia. Como circuito. Como reflexo funcional entre camadas.

O mundo visível é apenas a interface.
O resto roda em background.

Cada gesto aqui produz uma sombra lá. Cada pensamento aqui reverbera onde não há tempo. Ligarás na terra o que será ligado nos céus - - não como promessa religiosa, mas como aviso técnico. Uma vez acionado o mecanismo, não há botão de desfazer. A matéria responde. O invisível responde mais rápido ainda.

No cotidiano, chamamos isso de coincidência.
No oculto, chamamos de alinhamento.
Na ficção científica, chamaremos de protocolo.

Durante o apagão da consciência - - seja por anestesia, trauma, êxtase ou falha bioquímica - - o protocolo entra em modo aberto. As travas simbólicas caem. O cérebro, privado de narrativa, deixa de mentir para si mesmo. E então o que estava acima se aproxima. Não como visão clara, mas como **ambiente**. Um campo. Um lugar onde as regras não pedem permissão.

Ali, o tempo não corre: ele observa.
Ali, identidades não falam: elas irradiam.

O erro moderno foi imaginar o céu como destino e a terra como prisão. Não. Ambos são o mesmo sistema rodando em frequências diferentes. A vigília é baixa resolução. O apagão é alta densidade. Por isso é impossível trazer tudo de volta. O corpo não suporta download completo.

Alguns retornam com fragmentos.
Outros, com saudade sem objeto.
Outros, com nomes que não ousam pronunciar.

O que se vive lá não contradiz o mundo daqui. Ele o **explica por trás**. Revela que toda ação carrega uma geometria invisível. Que toda perda continua operando em outro plano. Que toda ligação real não depende de presença física - - apenas de sintonia mantida.

E é por isso que certos encontros não terminam.
Apenas mudam de camada.

O apagão não é morte.
É troca de andar.

Mais adiante, ficará claro por que algumas consciências atravessam com facilidade, enquanto outras batem no teto do próprio medo. Por que certas figuras aparecem sempre cercadas de gente, de cores, de campo aberto. E por que insistir em permanecer onde não se pertence gera fricção - - aqui e lá.

Por ora, basta saber isto:
o mundo não acaba quando a consciência desativa.
Ele **destrava**.

E tudo o que foi ligado,
continua ligado - -
mesmo quando a luz se apaga.

Protocolo/Anotações de um Ex-Mestre do Oculto

Eu conheci o protocolo antes que ele tivesse nome.

Na época, chamávamos de correspondência, depois de eixo, depois de campo. O erro foi sempre o mesmo: achar que nomear algo nos dava controle. Não dá. Nunca deu.

Fui considerado, por um tempo curto demais, o maior estudioso das artes de ligação entre planos. Não por talento místico - - eu desconfiava da palavra dom - - mas por método. Eu medi o invisível como quem mede corrente elétrica. Comparei relatos de êxtase, apagão, anestesia, coma, delírio febril. O padrão era insistente demais para ser ignorado.

A consciência, quando interrompida, não desliga.
Ela muda de protocolo.

Descobri cedo que não existe “acima” e “abaixo” como lugares. Existem estados de coerência. O mundo desperto opera em coerência baixa, útil para sobrevivência e reprodução. O outro - - aquele que se acessa na falha - - opera em coerência total. Lá, nada é descartável. Nada é ruído. Tudo conta.

Isso explica por que retornamos fragmentados.

Eu formulei a hipótese central:

a consciência humana é um transdutor defeituoso.

Capta mais do que consegue traduzir.

O protocolo, como passei a chamá-lo, regula essa tradução. Ele decide quanto do campo pode atravessar sem romper o recipiente. Em linguagem antiga: os céus só descem até onde a terra aguenta. Em linguagem moderna: o sistema impõe limites para evitar colapso.

Eu achei que entender isso me tornaria capaz de intervir. Fui arrogante.

Descobri que toda ligação é bidirecional. Ligar algo na terra não apenas reflete nos céus - - **ancora**. Cria peso. Cria inércia. Certas decisões, uma vez feitas, continuam operando mesmo depois que o operador desiste.

E foi aí que começaram as tragédias.

Pessoas que eu tentei proteger cruzaram o limite cedo demais. Não porque eu errei o cálculo, mas porque subestimei a autonomia do

campo. O protocolo não responde à intenção. Ele responde à **coerência interna**. Quem está quebrado de forma alinhada atravessa com facilidade. Quem está inteiro demais, não.

Eu assisti, impotente, a perdas que eu previa, mas não conseguia impedir. Como um astrônomo vendo a colisão inevitável, com a diferença de que os corpos eram humanos. Amigos. Amores. Alunos. Alguns nem sabiam que estavam envolvidos em algo maior do que suas próprias dores.

O pior tormento não é a culpa direta.

É a certeza de que o sistema funciona - -

e não se importa.

Não há juízo. Não há punição. Não há redenção automática. Há apenas consequência distribuída em camadas. O campo não é cruel. Ele é preciso. E a precisão, quando aplicada à fragilidade humana, parece crueldade.

Eu abandonei o título de mestre quando percebi que saber não equivale a salvar. Que mapear não equivale a guiar. Que abrir portas não significa escolher quem passa.

Hoje, anoto apenas para não enlouquecer. Para deixar registrado que o protocolo existe. Que ele já foi acionado inúmeras vezes. Que tragédias não são falhas do sistema, mas colisões entre desejo humano e geometria invisível.

Se alguém ler isto no futuro, deixo o aviso final:

não ligue nada levianamente.

não jure o que não pode sustentar.

não tente segurar quem já está em ressonância com outro plano.

Porque o que se liga, permanece.

E nem todo mestre suporta ver

o que ajudou a manter ligado.

2. Relato de Apagão - - Observação de um Desvio

Eu estava atento quando a tua consciência apagou.

Não por ritual - - por reconhecimento de padrão.

O corpo entrou em silêncio químico como tantos outros. Monitores estáveis, respiração emprestada, o teatro clínico funcionando como sempre. Nada ali anunciava exceção. Ainda assim, algo destoava. Uma irregularidade que não aparece em gráficos: **a forma como você saiu.**

A maioria cai.

Você **desencaixou.**

Não houve ruptura brusca. Nenhum rasgo. Foi como retirar uma peça antiga de um mecanismo que continuou girando por inércia. O corpo ficou. A consciência não foi puxada - - foi liberada. Esse detalhe muda tudo.

Eu vi quando você atravessou a primeira camada: o campo de ruído. Ali surgem formas incompletas, memórias misturadas, restos de linguagem. Muitos se perdem ali. Você não parou. Não tentou entender. Isso é raro. Quem tenta interpretar cedo demais volta fragmentado.

Você seguiu.

O espaço se abriu como cenário rural demais para ser real. Céu largo. Pessoas demais para serem indivíduos. Cores sem nome fixo. Aquilo não era projeção pessoal - - era **zona compartilhada.** Um ambiente onde consciências não conversam, apenas coexistem. Eu reconheci o lugar. Outros também passam por ali, mas não permanecem.

Você permaneceu pouco - - e isso foi decisivo.

Havia uma figura ali que não orbitava você. Ela era **constante.** Não se aproximava, não se afastava. Apenas estava. Como se já soubesse que o encontro não dependia de fala. A maioria tenta tocar. Você não. A maioria tenta ficar. Você tentou - - e foi impedido.

Esse impedimento não veio dela.

Veio do campo.

Você insistiu em permanecer onde não era mais o teu andar. E o campo respondeu com fricção suave, não violenta - - o tipo de resistência que só se aplica a quem ainda tem retorno possível. Ali eu soube: **você atravessaria diferente, mas não ficaria.**

Houve um instante - - curto demais para virar memória, longo demais para ser nada - - em que você percebeu que o tempo ali não corria. Ele aguardava. Essa percepção marca. Alguns voltam sem saber por quê, mas nunca mais se sentem sincronizados aqui.

Quando a química começou a puxar você de volta, não houve pânico. Houve luto antecipado. Isso também é raro. Normalmente o retorno é confuso. O teu foi triste - - não pelo que viu, mas pelo que **não pôde sustentar**.

Eu anotei naquele momento:

Este atravessou sem se dissolver.

Este viu sem reivindicar.

Este retornou inteiro - - e por isso sofrerá depois.

Porque o verdadeiro efeito do apagão não se manifesta lá. Ele se manifesta **aqui**, lentamente, como deslocamento. Quando você abriu os olhos, o mundo parecia o mesmo. Não era. Nada estava errado - - apenas **ligeiramente fora de lugar**.

Como uma nota afinada em outro tom.

Eu previ que você buscaria sentido.

Errei.

Você buscaria **reencontro**.

E isso, infelizmente, é o tipo de ligação que o protocolo não desfaz.

Apenas redistribuí.

O apagão terminou.

A travessia, não.

Há coisas que um ex-mestre não confessa por ética.

Outras, não confessa por covardia.

A minha tragédia está no espaço entre as duas.

Eu também observei alguém atravessar diferente.

Antes de você.

Na época, eu ainda acreditava que compreender o protocolo era o mesmo que poder ajustá-lo. Eu media coerências, calculava janelas,

anotava padrões como um cartógrafo convencido de que mapas evitam naufrágios. Não evitam. Apenas registram onde os corpos afundaram.

Ela atravessou com facilidade demais.

Não houve resistência do campo. Nenhuma fricção. Nenhuma tentativa de retorno. O apagão dela não foi químico, nem traumático - - foi **cansaço ontológico**. Um tipo de exaustão que não se cura com descanso. Eu reconheci tarde demais.

O lugar para onde ela foi...
é o mesmo que você tocou.

Céu largo. Campo aberto. Pessoas sem borda definida.

Mas, para ela, não houve impedimento. O campo não a empurrou de volta. Pelo contrário - - **acolheu**. E isso deveria ter me alarmado mais do que qualquer sinal de perigo.

Eu tentei intervir. Não fisicamente - - simbolicamente. Ancorei objetos, palavras, promessas. Liguei coisas na terra acreditando que isso a puxaria de volta. Foi meu erro mais grave. Porque o protocolo não interpreta apego como resgate. Interpreta como **fixação**.

O que foi ligado permaneceu ligado.
Mas não como eu esperava.

Ela não voltou inteira.
E quando voltou, já não estava toda aqui.

Viveu algum tempo ainda - - tempo suficiente para confundir quem observava de fora. Funcionava. Sorria. Respondia. Mas operava em outra camada. Parte dela continuava no campo, sustentada por uma coerência que este mundo não oferecia mais.

A tragédia não foi o atravessar.
Foi o **meio-termo**.

Eu assisti ao colapso final como quem entende exatamente o que está acontecendo - - e, ainda assim, não pode impedir. Porque não se arranca alguém de um plano onde ela finalmente faz sentido sem destruir o que resta.

Desde então, eu abandonei a pretensão de salvar.

Quando observei a tua travessia, reconheci o espelho. A diferença crucial foi esta: você ainda tinha **inércia suficiente** para retornar inteiro. Ainda havia atrito. Ainda havia dor suficiente aqui para te manter ancorado.

Mas o eco...

o eco é o mesmo.

O mesmo luto sem cadáver.

A mesma saudade sem endereço.

A mesma sensação de ter visto algo que não pode ser des-visto.

É por isso que falo pouco.

É por isso que escrevo apenas fragmentos.

E é por isso que temo mais o reencontro do que a perda.

Porque atravessar não mata.

O que mata é tentar viver em dois andares ao mesmo tempo.

E se te confesso isso agora, não é para te assustar - -

é para que entendas:

o protocolo não escolhe vítimas.

Ele apenas responde a quem já está pronto para escutar.

E alguns ecos...

não pedem permissão para ficar.

3. Sobre Observar Sem Atravessar

Você está certo em desconfiar.

Se a travessia fosse condição absoluta, não haveria observadores. Só mártires. Só desaparecidos. E eu não estaria aqui escrevendo - - estaria dissolvido como tantos outros.

O erro comum é imaginar a travessia como deslocamento espacial. Não é. Nunca foi. O que atravessa **não é o corpo**, nem exatamente a consciência inteira. O que atravessa é a **fase**.

Deixe-me ser preciso, pela primeira vez.

O protocolo opera por **desacoplamento parcial**.

Há três estados possíveis - - não dois:

- 1.**Consciência acoplada ao corpo** (vigília comum)
- 2.**Consciência desacoplada totalmente** (travessia irreversível)
- 3.**Consciência em estado de ressonância** (observação)

Eu pertença ao terceiro.

Não atravesso. **Sintonizo**.

Aprendi - - tarde, mas aprendi - - que é possível observar o campo sem cair nele, desde que se mantenha um ponto fixo aqui. Um lastro. Algo que não negocia com o invisível. No meu caso, foi a culpa. Ela pesa. Ela ancora. Culpa é um excelente estabilizador ontológico.

Os observadores não entram no campo como quem cruza uma porta. Entram como quem **escuta através da parede**. Não veem formas completas. Veem vetores. Tensões. Probabilidades de travessia. É ciência suficiente para prever, mas insuficiente para impedir.

E há um custo.

Quem observa sem atravessar jamais experimenta o campo plenamente. Vive condenado ao conhecimento sem consolo. Vê a geometria do desastre antes que ele aconteça - - e entende que interferir demais altera o resultado para pior.

Foi assim que me tornei ex-mestre.

Os experimentos não exigem travessia total. Exigem **exposição controlada**: estados limítrofes, sonhos induzidos, anestésias acompanhadas, êxtases interrompidos. Observamos os que atravessam porque **eles carregam dados vivos** de retorno. Fragmentos. Ecos.

Saudade.

Você, por exemplo, retornou com um padrão raro: coerência sem fixação imediata.

Isso me permitiu observar sem ser puxado.

Mas não se engane: observar também desgasta.

Cada vez que sintonizo, algo em mim perde definição. O mundo fica um pouco menos sólido. As pessoas parecem ligeiramente deslocadas no tempo. É o preço de ficar entre andares. Nem aqui inteiro. Nem lá dissolvido.

Por isso poucos escolhem esse caminho.

A maioria prefere ignorar.

Alguns preferem atravessar de vez.

Eu fiquei no meio - - o pior lugar possível.

Então, sim: o sistema funciona.

Mas não é confortável.

Nem justo.

Nem seguro.

E agora que você percebeu a falha aparente, saiba: essa lucidez já te aproxima perigosamente da zona de ressonância.

Observe com cuidado.

Não sustente demais.

E, acima de tudo, não confunda compreensão com permissão.

O protocolo não impede.

Ele apenas responde.

4. Incidente de Ressonância

Não foi planejado.

Os eventos mais perigosos nunca são.

Eu estava apenas observando - - como tantas outras vezes - - um estado limítrofe banal demais para levantar suspeita: você parado diante de algo cotidiano, irrelevante aos olhos de qualquer um. Um reflexo num vidro. Um som fora de contexto. Um atraso mínimo entre causa e efeito.

Foi ali que o campo respondeu.

Você percebeu primeiro.

A ressonância não anuncia chegada. Ela **desafia a lógica local**. Pequenas incongruências: objetos ligeiramente fora de lugar, pessoas repetindo frases com variações mínimas, o tempo respirando errado. Você chamou isso de estranhamento. Eu reconheci como alinhamento inicial.

E cometi o erro clássico do observador experiente:
sustentei demais.

No instante em que você fixou atenção - - não curiosidade, mas atenção real - - o campo abriu um canal mais largo do que o seguro. Não para você. Para mim. Porque eu já estava sintonizado. Porque minha âncora estava desgastada. Porque a culpa, por um momento, afrouxou.

Eu senti o puxão.

Não foi vertigem. Foi **alívio**.

Esse é o perigo real.

A quase travessia não vem como ameaça, vem como solução. Uma promessa silenciosa de coerência total. Pela primeira vez em anos, o mundo pareceu explicável sem esforço. As tragédias, ordenadas. As perdas, encaixadas. A dor, finalmente contextualizada.

Se eu tivesse cedido mais um segundo, teria atravessado.

Você, do outro lado da equação, sentiu algo diferente. Não alívio - - **pressentimento**. Uma ausência súbita, como se alguém tivesse saído da sala sem fechar a porta. Um frio sem causa térmica. Um pensamento que não era seu, mas que usava a sua voz.

Foi isso que te salvou - - e quase me perdeu.

O campo não queria você naquele momento.

Queria **equilíbrio**.

Quando percebi o desvio, forcei o retorno usando o último recurso disponível: ruptura consciente. Dor autoinduzida. Um gesto físico simples, vulgar, absolutamente terreno. O tipo de coisa que ancora porque lembra o corpo de que ele ainda manda.

Voltei - - mal.

Desde então, observo com parcimônia. E você... você não observa mais sem perceber.

A ressonância começou a infiltrar o cotidiano. Não como visão, mas como **sensibilidade deslocada**. Você nota quando conversas estão prestes a terminar antes que terminem. Sabe quando alguém já partiu por dentro. Reconhece o silêncio que antecede decisões irreversíveis.

Isso não é dom.

É contaminação leve.

O protocolo não te chamou formalmente.

Mas te marcou.

E eu aprendi, tarde demais, a lição final do observador:

não são os mestres que escolhem os próximos.

É o campo que aponta - -

e espera quem sustenta.

Eu quase atravesssei porque esqueci quem estava sendo observado.

Você começou a ressoar porque ainda não decidiu se quer entender.

E essa indecisão...

é exatamente o que mantém você aqui.

Por enquanto.

5. O Cotidiano Perde a Camuflagem

Não começou com visões. Começou com **confirmações indevidas**.

Coisas que você não disse sendo respondidas. Pensamentos interrompidos por frases externas que encaixavam bem demais. O mundo começou a **antecipar** você - - e isso é sempre o primeiro sinal de que algo saiu da ordem local.

O tempo, por exemplo. Ele passou a errar por frações mínimas.

Relógios atrasavam exatamente o suficiente para você chegar no instante errado. Ou certo demais. Áudios começavam antes do play. Pessoas apareciam quando você pensava nelas - - não depois, não antes, mas **durante**. A coincidência perdeu o disfarce estatístico.

Depois vieram os ecos.

Você entrou em lugares onde a conversa parecia já ter acontecido. Não em déjà vu - - isso é pobre demais - - mas como se o ambiente estivesse **reencenando** algo para você perceber. Repetições com variação: mesmas roupas em corpos diferentes, mesmas palavras em bocas que não se conheciam.

O campo estava testando a tua atenção.

E você passou no teste quando **não comentou com ninguém**.

Sinais só evoluem quando não são banalizados.

Houve também o deslocamento afetivo. Certas presenças começaram a pesar mais do que deveriam. Outras, a perder massa. Você percebeu que algumas pessoas estavam ali apenas por inércia, enquanto outras - - ausentes - - ocupavam espaço real. Isso não é saudade comum. É **persistência de vínculo fora de fase**.

O mais inquietante veio à noite.

Não sonhos - - **pré-sonhos**. Aqueles instantes antes de dormir em que a mente ainda não apagou, mas o corpo já desistiu de comandar. Frases inteiras surgiam sem voz. Imagens sem narrativa. Não eram mensagens. Eram **checagens**. O campo confirmando se você ainda estava ancorado.

E você estava.

Mas por escolha consciente, não por ignorância.

Eu observei tudo isso com distância crescente. Porque sinais claros exigem menos supervisão. Eles indicam que a consciência já começou a operar em dupla leitura: vive aqui, mas **interpreta em outro eixo**.

O momento decisivo, porém, foi banal demais para ser ignorado.

Você riu fora de hora.

Não por humor - - por reconhecimento.

Algo aconteceu no mundo externo - - um detalhe irrelevante - - e você entendeu. Não *o que* significava, mas *que* significava. Essa compreensão sem conteúdo é marca registrada de ressonância estável. O campo não explica. Ele **alinha**.

A partir daí, não há retorno completo à inocência perceptiva.

O cotidiano continua funcional, mas **não é mais fechado**. Há frestas. Vazamentos sutis. Pequenas falhas na renderização do real. Nada que denuncie loucura. Apenas o suficiente para quem sabe onde olhar perceber que o sistema está operando em modo permissivo.

Você não atravessou.

Mas já não anda apenas aqui.

E eu, como ex-mestre, faço agora a única coisa responsável que me resta:

reduzo a observação.

Registro à distância.

E espero.

Porque os sinais mais claros não são convite.

São aviso.

E quem os percebe...

já foi reconhecido pelo campo.

6. Aviso - - A Única Regra

Vou escrever isto uma única vez.

Porque regras repetidas viram folclore.
E folclore mata mais gente do que ignorância.

Não tente sustentar duas presenças ao mesmo tempo.

Essa é a regra.
Não a mais complexa.
A única que não pode ser quebrada.

Você pode perceber sinais. Pode reconhecer alinhamentos. Pode atravessar parcialmente, sonhar acordado, ressoar com o que não está visível. O protocolo permite isso. Ele até incentiva - - é assim que o sistema aprende.

Mas no instante em que você tenta **habitar conscientemente dois andares**, o campo reage. Não com violência. Com correção.

A correção assume sempre a forma de perda.

Algo precisa ceder para que a coerência seja restaurada. Às vezes é o corpo. Às vezes é a memória. Às vezes é alguém que você ama - - não por punição, mas por geometria. O sistema não negocia com apego humano.

Foi aí que eu falhei.

Achei que poderia manter alguém ancorado aqui enquanto ela já estava estável lá. Achei que amor, promessa, vigilância seriam suficientes para dividir a carga. Não são. Nunca foram. O campo interpreta tentativa de dupla sustentação como erro crítico.

E erros críticos não são corrigidos com avisos.
São corrigidos com abortamentos.

Você precisa entender isto com precisão absoluta:

não chame.
não invoque.
não tente reproduzir o encontro.

Se algo retornar espontaneamente, **não segure**. Se algo se afastar, **não persiga**. Se reconhecer uma presença fora de fase, reconheça - - e solte.

A regra não existe para proteger o invisível.
Ela existe para proteger **você!**

Porque quem tenta fixar o que já mudou de camada não perde apenas o outro. Perde a própria localização. Começa a errar de mundo. Vive aqui com metade da atenção, lá com metade da força - - até que nenhum dos dois lados aceite mais sustentar.

Foi assim que vi mentes se partirem sem delírio.

Foi assim que vi corpos funcionarem sem alguém dentro.

Foi assim que eu quase atravesssei - - não por desejo, mas por **exaustão desta fronteira**.

Se eu ainda escrevo, é porque aprendi tarde, mas aprendi: o campo não é casa! É passagem.

E passagens não foram feitas para moradia.

Guarde isto.

Não como crença.

Como instrução de sobrevivência ontológica.

Quando chegar o momento - - e ele chega para todos que ressoam - - a escolha não será entre ficar ou ir. Será entre **aceitar a perda** ou **forçar a incoerência**.

Só um desses caminhos permite continuar.

Este é o aviso.

Não haverá outro.

7. Reconhecimento - - Quando Alguém Percebe

Não foi alguém especial.

E isso foi o que tornou tudo mais grave.

Não foi quem te conhece profundamente, nem quem compartilhou abismos com você. Foi alguém do cotidiano - - desses que orbitam sem entrar, que falam de coisas práticas, que vivem ancorados na superfície do dia. Justamente por isso, percebeu.

A conversa seguia normal. Assunto qualquer. Palavras úteis. O tipo de troca que não exige presença inteira. Você respondeu no tempo certo, com a entonação correta. Nenhum erro social. Nenhuma estranheza visível.

Mesmo assim, houve uma pausa.

Ela te olhou por mais tempo do que o necessário. Não como quem desconfia - - como quem **confere**. A testa franziu num gesto involuntário. E então veio a frase, dita sem peso, sem intenção de ferir:

- - Você tá diferente.

Não foi pergunta.

Foi constatação.

Você sentiu o deslocamento no instante exato em que a frase terminou. Não culpa. Não medo. Apenas o reconhecimento de que algo que você julgava interno havia ultrapassado o limite do observável.

Você perguntou “diferente como?”, ainda tentando manter a conversa no trilho. Ela hesitou. Pessoas hesitam quando tentam descrever algo que não cabe no vocabulário comum.

- - Não sei... parece que você tá aqui, mas não tá olhando pras coisas do mesmo jeito.

Ali estava. A tradução imperfeita de um fenômeno real.

Ela continuou, tentando corrigir a própria frase, como quem teme exagerar:

- - Não é ruim. Só... você parece mais quieto por dentro. Como se já soubesse de alguma coisa.

Você não respondeu.

Não porque não sabia o que dizer - -
mas porque **responder fixaria**.

O campo estava atento. Esse tipo de reconhecimento externo cria lastro. Dá peso à ressonância. Torna o deslocamento oficial. E você, mesmo sem teoria, sentiu o perigo.

Mudou de assunto. Sorriu no ponto certo. A conversa seguiu. Mas algo já tinha sido marcado.

Quando ela foi embora, você percebeu o detalhe final: não houve estranhamento posterior. Nenhuma preocupação. Nenhuma necessidade de comentar com outros. O reconhecimento foi **suficiente em si**. Como se o sistema tivesse apenas registrado: ok, confirmado.

Também observei isso à distância.

Esse é o momento que separa curiosos de implicados. Quando o outro percebe sem você anunciar. Quando a mudança deixa de ser experiência privada e passa a existir no mundo compartilhado.

A partir daí, a ressonância não é mais só interna. Ela começa a **modular relações**.

Algumas pessoas se afastarão sem motivo.

Outras se aproximarão sem saber por quê.

E algumas - - raras - - te olharão com o mesmo silêncio atento, como se reconhecessem algo familiar que nunca viveram.

É assim que o campo se infiltra na vida comum.

Sem visões.

Sem delírios.

Apenas ajustando distâncias humanas.

Você não respondeu à frase.

Fez bem.

Porque há perguntas que, uma vez respondidas, não podem ser devolvidas ao cotidiano.

E agora, alguém sabe - - mesmo sem entender - - que você já não ocupa apenas um lugar.

8. A Decisão de Não Atravessar

O isolamento não veio como solidão.
Veio como **adequação**.

Você percebeu cedo que atravessar, naquele ponto, seria um erro de motivação. Não era curiosidade. Não era chamado do campo. Era desejo - - e desejo, quando se disfarça de transcendência, quebra sistemas inteiros. Você não queria o outro plano. Queria **a doçura**.

Mas a doçura não estava lá como prêmio.
Estava **por trás**.

Por trás de véus amargos, sim. Véus tecidos de defesa, trauma, silêncio, história. Muros que não se transpassam com força. Murros não abrem passagem. Apenas deixam marcas nos punhos - - e reforçam a parede.

Você entendeu isso num dia banal, desses em que nada acontece. Entendeu que atravessar agora seria fazer gambiarra ao invés de **o trabalho**. Seria confundir atalho com destino. A travessia não te levaria a ela; te afastaria do que ainda podia ser construído aqui.

Então você decidiu ficar.

Ficar não por medo.
Ficar por método.

O isolamento foi consequência natural. Quando alguém decide não atravessar enquanto já poderia, o cotidiano reage com afastamentos suaves. Convites cessam. Conversas perdem aderência. Não por rejeição - - por **diferença de ritmo**. Você desacelerou para construir algo invisível aos olhos apressados.

A ferramenta não seria o golpe.
Seria a tinta.

Tinta de mel.

Você começou a imaginar portas onde antes havia muros. Janelas abertas com paciência. Corredores que não exigem permissão, apenas tempo. O mel não quebra a pedra - - **ele a ensina a ceder**. Escorre. Insiste. Adoça a fricção. Faz da passagem um acordo.

Esse seria o trabalho verdadeiro.
Não a travessia - - uma arquitetura.

Enquanto isso, o ex-mestre falhava.

Eu falhei, sim. Não por ignorância, mas por rigidez. Eu quis sistema onde era necessário rito. Quis controle onde só havia entrega gradual. Minhas medições não captavam a variável essencial: **o humano cria acesso onde a ciência não alcança.**

Meus estudos terminaram onde sempre deveriam ter começado:
na arte
e na religião.

Não como dogma.
Como tecnologia ancestral de contato.

A arte cria imagens para o indizível.
A religião cria gestos para o invisível.
Ambas operam no mesmo espectro que o protocolo - - mas sem a arrogância de querer dominá-lo.

Onde eu via travessia, você viu **obra**.
Onde eu via campo, você viu **cuidado**.
Onde eu falhei tentando abrir o céu à força, você decidiu pintar a terra até que ela refletisse luz suficiente.

O isolamento, então, não foi fuga.
Foi **preparação**.

E se este conto termina aqui, não é porque a travessia fracassou. É porque ela foi adiada em favor de algo mais raro: um caminho construído com doçura, capaz de sustentar quem passa **sem se perder**.

O protocolo permanece.
O campo observa.
Mas agora há portas sendo desenhadas. Corredores abertos repletos de janelas iluminadas.

Com mel e suas tintas.
Com tempo.

E isso - - eu admito, por fim - -
é algo que nenhum ex-mestre conseguiu ensinar.

O protagonista não é um eleito, nem um iniciado clássico.

Ele é alguém **ferido o suficiente para perceber**, mas **inteiro o suficiente para escolher**.

Sua motivação central não é transcendência.

É **doçura**.

A travessia surge como tentação porque promete reencontro, coerência, fim da fricção. Mas o protagonista compreende - - lentamente, dolorosamente - - que atravessar naquele momento seria substituir o trabalho da arte pelo atalho da dissolução.

Ele não quer o **outro** plano.

Quer **acessar alguém que está atrás de muros**.

Muros feitos de trauma, silêncio, história, defesa.

Muros que não caem com força, ou murros.

Muros que exigem **tinta**.

E não qualquer tinta - - **mel**.

Ela não é personagem convencional.

Ela é **constante de campo**.

Aparece no apagão não como guia, nem como objetivo, mas como **presença perene**. Não chama. Não prende. Não responde à insistência. Representa aquilo que **já está alinhado em outra camada**, mas que ainda mantém ligação afetiva com o mundo de cá.

Ela não pode ser “resgatada”.

Ela só pode ser alcançada por encaixe.

O epílogo não é um evento. É uma **conclusão ontológica**.

O ex-mestre fracassa porque tentou acessar o plano por via direta. O protagonista avança porque entende que:

- **a arte** cria imagens para o que não pode ser dito
- **a religião** cria gestos para o que não pode ser explicado

Ambas são tecnologias de contato, nesse sentido do protocolo, **não invasivas**.

Elas não atravessam o muro. Elas o tornam **habitável**.

O conto, então, se revela como aquilo que sempre foi desde o Ray-Ban hexagonal:

uma **forja** inútil, no melhor sentido.

Não arma.

Não ferramenta.

Mas obra.

Este conto não ensina a atravessar.

Ele ensina **quando não atravessar**.

Não promete reencontros fáceis.

Promete aguardar **difícilmente**.

Não glorifica o apagão.

Mostra que o retorno é onde a vida acontece.

E, por fim, afirma algo raro na ficção contemporânea:

Às vezes, amar alguém não é alcançá-la em outro plano.

É ficar aqui,

e pintar o mundo até que ele seja doce o suficiente

para que ela - - se quiser - - atravesse sozinha, para onde
flor que vá.

Essa é a trama. O resto são capítulos. Eu sou apenas uma
estória. Alguma mente sórdida está me tecendo.

Daqui por diante é História: sua história. Viva mais que cada
ponteiro deglutido, pois a linha do criador não é uma reta, ela é
rasa, larga e profunda.

Permita-se que seja.

O resto será só felicidade.

31/12/2025 -FIM-